

## A BAIXADA FLUMINENSE NA MÍDIA: UM OLHAR DO JOVEM NEGRO

Renata Machado<sup>1</sup>

Leila Dupret<sup>2</sup>

**Resumo:** O estudo da mídia torna-se de grande relevância na sociedade da informação que tem colocado novos desafios. Nesse sentido, faz-se necessário compreender a pedagogia que emerge do impacto das novas tecnologias e suas perspectivas no campo educacional. Diante da chamada indústria cultural, que vem a fortalecer o poder ideológico, a criação de padrões, reforçando preconceitos e a discriminação social, étnica e racial, onde a “cultura da imagem” interfere na subjetividade dos jovens que aparecem como principais consumidores. Deste modo, nossas investigações estão fundamentadas a partir da problematização das relações assimétricas e do preconceito velado, que tendem a estereotipar populações pertencentes a estratos sociais desfavorecidos.

**Palavras-chave:** Mídia; Educação; Juventude; Representações Pessoais.

O cenário contemporâneo implica que haja uma profunda reflexão e análise crítica frente à temática mídia e educação, onde as tecnologias acabam por interferir diretamente na construção sociocultural a partir das relações sociais pautadas nas ações individuais e coletivas. Desta forma, a pesquisa *A Mídia e o Jovem da Baixada Fluminense*, vinculada ao LEAFRO (Laboratório de Estudos AfroBrasileiros) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Campus de Nova Iguaçu, investiga se as imagens dos jovens negros, divulgadas nos diferentes veículos de comunicação de massa estão compatíveis ou não com as representações pessoais da juventude, destacando as diversidades étnicas presentes na construção subjetiva dos jovens e nas redes sociais existentes. O estudo consiste no olhar do jovem sobre o jovem, apontando para novos caminhos de leitura e interpretação da Baixada Fluminense, Rio de Janeiro,

---

<sup>1</sup> Graduanda do 9º Período do Curso de Pedagogia do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ/IM; Membro do Laboratório de Estudos Afrobrasileiros – LEAFRO/UFRRJ.

E-mail: [renata\\_pedufrj@yahoo.com.br](mailto:renata_pedufrj@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Pós-Doutora em Psicologia; Diretora e Professora Adjunta do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ/IM, Membro do Laboratório de Estudos Afrobrasileiros – LEAFRO/UFRRJ.

E-mail: [leiladupret@ufrj.br](mailto:leiladupret@ufrj.br)



distanciando dos moldes descritivos e estandardizados cujo principal lema é designar os desiguais e formatá-los para se tornarem iguais, onde preconceito é ter preconceito.

Ao longo das décadas, a região da Baixada Fluminense foi sendo reconhecida socialmente, não por seus atributos culturais, econômicos ou ambientais, mas tão somente pela ótica da violência. Seus municípios que possuem características específicas são reconhecidos como antro da miséria e criminalidade, até mesmo porque geograficamente é aonde se encontram bairros de comunidades populares, composta, sobretudo de jovens negros e pobres, filhos de trabalhadores que têm sido excluídos e discriminados, constantemente, de forma injusta e desumana. Assim, este é um lugar onde a criação de estereótipos e preconceitos estão presentes em todos os espaços, o que encontra eco nas palavras de Enne (2004) a respeito da criminalização da Baixada.

O senso comum em que a Baixada Fluminense passou a ser associada plenamente com a imagem de “terra sem lei”, “maior violência do mundo”, “faroeste fluminense”, dentre outras, serviu para associar a Baixada como um lugar extremamente violento. (ENNE, 2004, p. 15)

É verdade que muitos moradores da Baixada Fluminense já se habituaram a enxergar o local com essa perspectiva violenta e nefasta que a imprensa veicula; pois foram “educados” sob a lógica das “empresas capitalistas de comunicação” que comercializam a notícia em prol de seus consideráveis lucros e em detrimento de outros importantes fatores, como por exemplo, o aumento significativo da exclusão social, sendo esta uma forma de violência simbólica, que contribui para estabelecer relações de dominação e de manutenção do *status quo*. Como evidência Filé (2008),

Se não for assim, as passagens da oralidade para a cultura da escrita, incorporando a imprensa, a chegada das mídias eletrônicas e digitais serão apenas etapas que se sucedem sem importar o que estas transformações alteram na vida das pessoas, causando e perpetuando regimes de desigualdades. (FILÉ, 2008, p. 41)

Por essa razão, Guareschi e Biz (2005), em sua obra problematizam a seguinte questão: “Podemos resistir à influência da mídia?”. A reflexão sobre o tema nos leva a pensar em diversas propostas, mas, assim como os autores, concordamos com a importância de promovermos uma educação a partir da perspectiva da mídia cidadã, onde crianças, jovens e adultos deixem de estar presos como meros telespectadores e passem a ser verdadeiramente livres, pois como propunha Paulo Freire (1983), educação deve ser uma prática de liberdade.

## Juventude e os Desafios Contextuais

A sociedade do conhecimento passou a ser também da informação, até mesmo porque informação é conhecimento. Desta forma, seguindo a lógica de que quem possui os meios de produção são “donos” dos processos e, conseqüentemente, dos produtos, uma proposta educacional eficaz é justamente incentivar a juventude a construir informação. Aliás, esta já é uma realidade na sociedade, pois cada vez mais cresce o número de jovens que fica diante dos recursos tecnológicos da hipermídia, em que o *link* conduz os internautas ao mundo virtual, e através de *blogs* é possível dialogar sobre temáticas que lhes são conflitantes, trocando vivências e experiências, construindo conhecimento através da interação digital. Portanto podemos pensar a sociedade a partir de uma nova linguagem: a linguagem digital.

É uma explosão de informações. Os equilíbrios estremecem, a terra se sente comprimida. Pela primeira vez na história conseguiu-se algo admirável: estamos diante de um espaço praticamente infinito, o ciberespaço, habitado por uma linguagem nova, a digital, que conseguiu realizar a fantástica proeza de juntar, num único bit, o texto, a imagem e o som. (GUARESCHI, P; BIZ, O. 2005, p. 39)

Em contrapartida nas sociedades organizadas sob a lógica do sistema capitalista, o conhecimento tem sua distribuição de maneira desigual. Quanto maior for essa desigualdade, maior será a relação entre saber e poder, uma vez que, tal conhecimento é algo construído e pertinente a toda sociedade, mas na realidade a relação que ocorre é que poucos controlam tal conhecimento alimentando a alienação da grande maioria desfavorecida.

Contudo, com fluxo contínuo de informações, o espaço para reflexões foi sendo cada vez mais reduzido, o que é notícia hoje, já não será amanhã, resultando na lógica, espaço-tempo que tende a ocorrer de maneira globalizada, pois o que importa é o produto dessa relação. Velocidade se torna a palavra-chave para exemplificar as formas de subjetivação, porém o que denota é a mobilidade e a transitoriedade, é como se estivéssemos sempre em estado de mudança no sentido da inconstância, do efêmero.

Afinal, vivemos em uma sociedade intensivamente midiaticizada, o que metaforicamente pode-se chamar a “idade da mídia” ou sociedade do espetáculo, como conceitua (NASCIMENTO, 2007:53); “... *A ideia de espetáculo está associada às práticas de exibição e teatralização realizadas pelos novos atores sociais, que devem remeter para a exterioridade, para uma constante exaltação do eu*”. Indubitavelmente,

a mídia possui um poder disciplinador, pois cria padrões e uniformizações, onde os sujeitos mergulham em certa passividade, até mesmo, porque são bombardeados por uma indústria cultural que retira do homem a capacidade de criar a própria práxis.

### **Revelações da Pesquisa**

A participação direta dos jovens, em nossos estudos se justifica por entendermos que eles possuem legitimidade em suas opiniões para falar como os veículos de comunicação noticiam a Baixada Fluminense, revelando também o que eles pensam que deveria ser mais amplamente divulgado pela mídia. O que contraria pré-concepções as quais sustentam a presença da rebeldia, conflito geracional, indefinição de identidade e onipotência nos jovens e que eles não sabem se posicionar através de um discurso político consolidado. Conforme Minayo (1999),

A mídia apresenta uma imagem ideal do jovem, com atributos de beleza, saúde e alegria. Esse padrão corresponde perfeitamente ao perfil do jovem de camadas médias. Há, no entanto, uma outra juventude, pobre, que na retórica da mídia, passa a ser representada como delinquente, drogada e criminosa. O discurso sobre esses jovens, moradores das periferias ou favelas, pelos meios de comunicação, está associado frequentemente à questão da marginalidade. Dessa forma, os meios de comunicação, que muitas vezes têm a função de denunciar situações de desrespeitos aos direitos de cidadania, também contribuem para a construção e manutenção dos estereótipos negativos dos jovens pobres tratando-os como “criminogênicos”. (MINAYO, 1999, p. 19)

Estudar as questões ligadas à representação do negro na mídia, foi algo que surgiu a partir das demandas despertadas no trabalho de campo realizado em 2008 com os jovens, pertencentes ao ensino fundamental, onde em muitas entrevistas, a questão racial surgia como um indicador muito importante. Por isso, sempre é muito importante salientar que em todo o momento da pesquisa, a participação dos jovens nos ajudou a desenvolver a pesquisa de maneira consolidada.

Assim passamos a entrevistar jovens estudantes do ensino médio técnico profissionalizante, pertencentes à rede estadual de ensino do Estado do Rio de Janeiro, cuja faixa etária varia entre 14 a 20 anos. Onde trabalhamos com a seguinte questão deflagradora: *Na sua opinião, o que tem sido divulgado pelos meios de comunicação sobre o jovem negro da Baixada Fluminense e o que você pensa que deveria ser divulgado?* Cabe ressaltar, que a principal preocupação era pensar em uma pergunta simples que não tivesse o caráter tendencioso partindo de concepções prévias; mas, que fizesse com que os jovens entrevistados refletissem e expressassem suas opiniões acerca

do que acontece na mídia. Cabe salientar que entendemos como mídia, todo conjunto que integram os meios de comunicações e inclui, indistintamente, diferentes veículos, recursos e técnicas, como por exemplo: mídia digital, eletrônica e impressa.

Portanto, ao enfatizarmos a questão do negro problematizamos os critérios de invisibilidades, onde características importantes da cultura brasileira são constantemente ignoradas e inferiorizadas, por essa razão o foco temático está voltado para a análise das representações e presença do segmento afro-descendente da população brasileira nas diversas formas de comunicação. No entanto, Sodré (1999), evidencia no livro: “*Claros e escuros: identidades, povo e mídia no Brasil*”, que muitas das vezes a própria mídia recusa a existência do racismo, ou melhor, não o admite.

Com referência ao negro, a mídia, a indústria cultural, constrói identidades virtuais a partir, não só da negação e do recalçamento, mas também de um saber de senso comum alimentado por uma longa tradição ocidental de preconceitos e rejeições. Da identidade virtual nascem os esteriótipos e as folclorizações em torno do indivíduo de pele escura. (SODRÉ, 1999, p. 246)

No entanto, apesar do resultado das estatísticas apontarem o Brasil como sendo o maior país do mundo em população afro-descendente fora do continente africano. Os debates acerca desta temática racial ainda ocorrem timidamente ou até mesmo de maneira descompromissada. Assim, tanto as disparidades econômicas e sociais, quanto o reconhecimento do preconceito e das desigualdades raciais, ficam em segundo plano, refletindo na escassez de literatura e políticas públicas sensíveis a estas problemáticas. Ramos (2007), em seu livro *Mídia e Racismo*, trás considerações referentes aos *critérios de invisibilidade*, sendo estes verdadeiros instrumentos de exclusão em que os meios de comunicação reproduzem o que acontece na sociedade no sentido de ignorar as contribuições do negro como algo naturalizado, reforçando simbolicamente o ideal de branqueamento, que continua sendo um componente forte na cultura brasileira, seguindo a lógica de Gilberto Freire do mito da democracia racial. Ajzenberg (2007) evidência que o racismo aparece de maneira subliminar.

Do ponto de vista da relação entre racismo e mídia, penso que o importante, antes de mais nada, é constatar que o racismo não está presente apenas em manifestações muito evidentes de intolerância, mas ocorre também de maneira subliminar e muitas vezes difícil de se captar, pelo menos por pessoas que não estão atentas a todo momento para esse assunto. (AJZENBERG, 2007, p. 30)

Em concordância com este pensamento Joel Zito Araújo em *A Negação do Brasil*, traz pensamentos visando problematizar questões que deveriam ser discutidas na sociedade brasileira, mas que poucas vezes são de fato colocadas em público, como por exemplo, a análise da representação do negro na mídia apresentada pelo viés negativo ou estereotipada, reforçando a famosa imagem dele socialmente construída como servidor, não o valorizando, mas somente tolerando a participação do segmento negro nos diferentes espaços sociais; assim como a folclorização da cultura negra, onde a manifestação cultural por possui sua raiz na origem, na dinâmica popular, não atende aos padrões pré-estabelecidos da erudição da cultura dominante europeizada, considerada historicamente como “civilizada”. Por essa razão o negro é caricaturado como pobre, favelado e, conseqüentemente, assemelhado ao agente criminoso. Estas problemáticas também são evidenciadas por Paixão (2005):

Tal processo se configurou a partir de uma tradição cultural européia dominante, na qual as demais contribuições, no seu formato original tidas como primitivas, bárbaras ou demoníacas eram incorporadas seletivamente e de forma geralmente instrumental. Do mesmo modo, a folclorização das manifestações culturais populares, especialmente dos negros e dos indígenas, na maioria das vezes contribuiu para aprofundar as estereotipações sobre os integrantes desses grupos, reforçando ideologicamente o seu vínculo com o passado e o seu papel subordinado na sociedade. (PAIXÃO, 2005, p. 67-68)

Assim, estas reflexões evidenciam uma sociedade onde as diferentes formas preconceito se perpetuam de geração a geração. Na verdade, ninguém pode afirmar quando de fato o racismo, a intolerância, estupidez e a aversão social emergiram, pois estes são frutos das relações humanas, fundamentadas no contexto sócio-histórico, e o interessante é que este cenário caótico e segregacionista ocorre independentemente de classe social, existindo uma espécie de pseudo-equilíbrio de antagonismos.

Cabe destacar que os princípios metodológicos os quais nos pautamos teoricamente combinam perfeitamente com todo processo, pois o nosso objetivo é divulgar características e reflexões dos jovens da Baixada Fluminense que ao longo das décadas foram se tornando invisíveis, assim a todo o momento colocamos em prática as contribuições teóricas de Vygotsky (1988), pois se deve ter uma ampla compreensão dos processos e não de objetos, visto que nos relacionamos com pessoas; por isso, levamos em consideração as particularidades dos contextos sócio-históricos, até mesmo porque os sujeitos constroem história, e são construídos por ela. Outra preocupação é de não ficarmos presos nas superficialidades dos fatos, ou seja, apenas na descrição, mas analisamos a dinâmica-causal que são expressas pelos jovens nas entrevistas abertas.

Este método nos faz desprendermos do “*comportamento fossilizado*”, que em síntese significam as pré-concepções, pois que se resumem em atitudes mecanizadas, que são grandes fomentadoras de estigmas.

Esse homem, constituído na e pela atividade, ao produzir sua forma humana de existência revela – em todas as suas expressões – a historicidade social, a ideológica, as relações sociais, o modo de produção. Ao mesmo tempo, esse mesmo homem expressa a sua singularidade, o novo que é capaz de produzir, os significados sociais e os sentidos subjetivos. (AGUIAR, 2006, p. 11)

Ademais, a pesquisa está fundamentada na perspectiva da situação interativa pesquisador-sujeito pesquisado. A análise das falas e expressões das entrevistas iniciais revelou conteúdos que demonstraram as diversas manifestações dos sujeitos, permitindo que pudéssemos construir uma rede de indicadores compreensíveis de serem integrados ao processo constitutivo da informação configurando as *unidades de sentidos* (Rey, 1997). Alguns destaques ilustram com propriedade o conjunto destes indicadores:

- ... *há um preconceito primeiro por ser da Baixada Fluminense, acho que o fato de serem jovens negros aumenta a marginalização desses jovens ... os negros sempre foram marginalizados em qualquer lugar do Brasil, infelizmente são até hoje em dia, isso aumenta o fato deste preconceito ...*

- ...*o jovem negro, principalmente da Baixada, nunca é aquele cara bom, trabalhador, que corre atrás; é sempre aquele cara que vai tentar passar por cima do outro, tentar se dar bem ...*

- ...*o fato de ser negro então, complicou a situação; ser pobre e morar na Baixada é tragédia demais ...*

- ...*jovem negro, não falam mal, mas também não falam, não publicam; aqui se um marginal faz coisas ruins vira um escândalo, principalmente se for negro. Muita gente vê o negro como criminoso, há uma discriminação ...*

- ... *jovem negro de qualquer localidade eu acho que já há esta discriminação, mas não só dos negros da Baixada, de todo o Estado ...*

A rede de indicadores está então circunscrita em quatro dimensões: a do *preconceito*, caracterizada pela imagem estereotipada do jovem negro, morador da Baixada Fluminense divulgada pela mídia como pobre, incapaz, inferior e violento, contribuindo para a sua marginalização; a da *inserção no mercado de trabalho*, dificultada pela discriminação racial impeditiva ao jovem negro de competir em

igualdade de condições pelos espaços de produção, a partir de suas competências e possibilidades de desempenho; a de *acesso à educação*, viabilizada pelo programa de cotas para alunos negros como uma forma de diminuir a defasagem de oportunidades sócio-pedagógicas consolidadas ao longo da nossa história; a de *não exclusão*, diagnosticada pelo contingente de jovens negros e pardos participantes das instituições educativas da Baixada Fluminense.

As dimensões apontadas por esta análise preliminar configuram duas *unidades de sentido* presentes no grupo estudado: a da *desvalorização*, quando o jovem negro é visto como alguém à margem dos padrões instituídos pela sociedade contaminada pela ideologia do branqueamento camuflada pelo mito da democracia racial; e a do *reconhecimento*, quando o jovem negro demonstra sua existência a partir de conquistas de espaços e respeito às suas potencialidades.

É importante salientar que o fato de a pergunta deflagradora utilizada na entrevista trazer à tona a questão do negro jovem, favoreceu a que os sujeitos não se prendessem, apenas ao que é divulgado pelos meios de comunicação, mas estendessem suas opiniões a situações de seus cotidianos. Isto, obviamente, mostra a riqueza que a técnica da construção das *unidades de sentido* possui, porque permite ampliar o universo de dados coletados, a partir dos próprios participantes. O que, por um lado, quebra ou desfaz o engessamento promovido pelas entrevistas fechadas; por outro, demonstra a importância da flexibilidade nas investigações em que a subjetividade é o foco principal da análise. Entretanto, esta suposta liberdade no estudo exige um detalhamento ainda mais rigoroso na interpretação dos dados coletados que inclui, necessariamente, as características do grupo participante e o contexto no qual está inserido.

Através do exercício de análise das falas podemos identificar a presença da subjetividade social. De acordo com Rey (2003) a subjetividade não pode ser compreendida apenas como algo individual, mas deve ser entendida como um sistema complexo produzido de forma simultânea no nível social e individual. Este viés da psicologia sócio-histórica tem como objetivo compreender os fenômenos humanos e sociais, entendendo a subjetividade um conjunto de experiências do indivíduo, constituída a partir de suas ações sociais.

Da perspectiva da subjetividade social, os processos sociais deixam de ser vistos como externos em relação aos indivíduos, ou como um bloco de determinantes consolidados, que adquirem o status do “objetivo” diante do subjetivo individual, para serem vistos como processos implicados dentro de um sistema complexo, a

subjetividade social, da qual o indivíduo é constituinte e, simultaneamente constituído. (REY, 2003, p. 202)

Assim, pretendemos problematizar injustiças sociais, onde a dominação colonial de outrora não deve estar presente como dominação urbana que tende a desmerecer os sujeitos pertencentes à classe social desfavorecida financeiramente, fazendo perpetuar o antigo cenário de exclusão e discriminação social, racial e econômica. Portanto, faz-se necessário perceber os dilemas sociais, pelo viés histórico, para entender como os impactos ainda estão presentes, podendo estar até mesmo no futuro. Por essa razão, os jovens da Baixada Fluminense são para nós os protagonistas da pesquisa, pois a cada dia vão construindo histórias com dignidade e perseverança, almejando um futuro melhor, pois acreditam que um dia poderão ser reconhecidos por suas capacidades e potencialidades.

### **Referência Bibliográfica**

AJZENBERG, B. *A imprensa e o racismo*. In: RAMOS, S. (org). *Mídia e racismo*. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

ALVES, J. C. S. *Dos barões ao extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro: APPH, CLIO, 2003.

ARAÚJO, J. Z. *A Negação do Brasil: O negro na telenovela brasileira*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

COSTA, C. *Educação, imagens e mídias*. São Paulo: Cortez, 2005.

ENNE, A. L. S. *Imprensa e Baixada Fluminense: múltiplas representações*. N.14. Niterói, RJ: Revista eletrônica Ciberlegenda, 2004. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/enne1.html>. Acesso em: Setembro de 2006.

FILÉ, V. *Bem pra lá do fim do mundo: uma experiência de TV de rua/comunitária*. In: CECCON, C; PAIVA, J (Org.) *Bem pra lá do fim do mundo: histórias de uma experiência em Rancho Fundo, Baixada Fluminense*, Rio de Janeiro: CECIP, 2000.

\_\_\_\_\_. *Novas tecnologias, antigas estruturas de produção de desigualdades*. In: FREIRE, W. (Org.) *Tecnologias e educação: as mídias na prática docente*. Rio de Janeiro, Wak editora, 2008.

FREIRE, G, *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FREIRE, P. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GUARESCHI, P. A; BIZ, O. *Mídia, Educação e Cidadania: tudo o que você deve saber sobre mídia*. Petrópolis: Vozes, 2005.

MINAYO, M. C. S. *Fala galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

NASCIMENTO, P.P. *A relação ética da arte na sociedade do espetáculo*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense; Rio de Janeiro: Benício Biz Editores Associados, 2007.

PAIXÃO, M. *Manifesto anti-racista: ideias em prol de uma utopia chamada Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A; LPP/UERJ, 2006.

REY, F. G. *Epistemología cualitativa y subjetividad*. La Habana: Pueblo y Educación, 1997.

\_\_\_\_\_. *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Thomsom, 2003.

SODRE, M. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.

VYGOTSKY, L. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.